

CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES :

Rodolpho Filho (Redactor Chefe) — Rodrigo Costa (Redactor Secretario) — Gaspar Regueira (Redactor Gerente)
Paulo Amaral, Newton Burlamaqui e Laudelino Baptista

CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$000

Recife, 15 de Outubro de 1896

FORA DA CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$500

EXPEDIENTE

REDACÇÃO — RUA NOVA N. 44, 3.º ANDAR.

SUMMARY: — *Sebastião Nogueira.* — *Carlos Gomes.* — *Uma pagina de historia do Direito Romano.* Clovis Bevilacqua. — *O Movimento Feminista.* Rodrigo Costa. — *As tusa.* Soriano de Albuquerque. — *O Direito entre os selvagens.* Paulo Amaral. — *Presentimento.* Augusto Cavalcanti. — *Para breve.* J. Xavier de Carvalho. — *A escravidão.* Newton Burlamaqui. — *Sobre religião.* Laudelino Baptista. — *Devaneios.* Augusto Meira. — *O Amuleto.* Gonzaga de Arruda. — *Chronica.* R. C. — *Estatutos.*

CONGRESSO ACADEMICO

Sebastião Nogueira

E' com a vista ainda turva pelas lagrimas que nos embaciam os olhos e o entendimento, é com o coração ainda oppresso pela saudade profunda que nos deixou Sebastião Nogueira, que escrevemos estas linhas.

A morte, quasi que repentina, do nosso inditoso collega, foi mais uma illusão que se desfêz ao sopro cruel da realidade.

Fatalidade triste, a morte !

Nós bem sabemos que a morte é uma condição da vida, que é uma necessidade, mas, não deixamos de reconhecer, que ella é muitas vezes uma verdadeira desgraça !

Morrer na aurora da existencia, quando a sede e o desejo em nós palpitam, na phrase do poeta, morrer quando apenas desponta o sol dourado das nossas gratas illusões, entregar á lage fria do sepulchro o coração, eserinio santo do nosso primeiro amor, é horrivel, é profundamente triste ! !

Foi-se aquelle grande espirito !

O Maranhão, a formosa Athenas brasileira, servio de berço a Sebastião Nogueira.

O sabiá saudoso das palmeiras saudou-lhe o primeiro vagido.

A creancinha tenra, cujo berço fôra embalado pela brisa perfumosa dos campos, fez-se homem.

Luctando com difficuldades enormes, pelo seu estado de pobreza, Sebastião Nogueira não se deixara vencer pelo desanimo, ao contrario, dotado de uma força de vontade admiravel, vencera todas as difficuldades que se lhe antolharam e afinal ell-o matriculado na nossa Faculdade de Direito.

A grande doença d'alma é o frio, dizia Smile, mas o frio jámais conseguia fazer tiritar a alma de Sebastião Nogueira.

Caracter sem jaca, modesto, humilde e bom era o nosso inditoso collega admirado, estimado e respeitado por todos que tinham a fortuna de o conhecer.

A variola, a terrivel epidemia que actualmente dezima a população da bella Veneza Americana, arrebatou bruscamente de nosse seio o querido collega que pranteamos.

Pela natureza da molestia que o ferio de morte, não podemos recolher o seu ultimo suspiro, mas sabemos que finou-se como um justo, sem proferir uma queixa, cheio de resignação, sonhando talvez com a felicidade de além-tumulo.

Dorme em paz, charo collega.

As lagrimas com que humedecemos a tua sepultura outra cousa não exprimem senão a grande dôr que nos tortura pela tua separação eterna e para a qual não encontramos lenitivo, curvando-nos apenas á fatalidade da grande lei que rege a materia.

O *Congresso Academico* ajoelha-se ante a tua sepultura.

A Exma. Familia de Sebastião Nogueira enviamos sinceras e sentidas condolencias.

Carlos Gomes

Pesado crepe envolve a patria brasileira que consternada contempla, muda e inerte, o seu dilectissimo filho, que neste ultimo quartel do seculo era a maior gloria da musica universal.

Cahiú desalentado no coração do povo brasileiro, para erguer-se agigantado nos braços robustos da Historia.

Não morrem os immortaes e Carlos Gomes era um Deus da musica moderna.

Não pretendemos fazer a necrologia do grande brasileiro.

Faltam-nos dados para tamanho commettimento e depois a fulguração enorme do seu talento fascina-nos.

Só um Verdi poderia medir a estatura de Carlos Gomes, porque só elle poderia cantar as glorias do maestro brasileiro.

O Guarany, Salvator Rosa, Fosca e o Schiavo, foram os degráos harmoniosos desta grande escada em que elle subio para as regiões sublimes da immortalidade.

Emprehender uma viagem através do nome do glorioso artista, seria pôr um marco luminoso em cada estação della.

As imponentes manifestações de pezar do povo paraense por occasião de sua morte, o Estado de S. Paulo, donde era filho, reclamando o seu corpo para guardal-o em seu seio, a imprensa brasileira, unisona, curvada ante a memoria do grande artista, são um attestado eloquentissimo do alto apreço em que era tido, ao mesmo tempo que são uma glorificação ao nome aureolado de Carlos Gomes.

Do mesmo modo que nós os brasileiros applaudimos Donizetti, Bellini, Beethoven, Rossini, Ponchielli, Boito e Verdi, os estrangeiros applaudiam e respeitavam o grande maestro brasileiro.

Carlos Gomes já pertence ao dominio da Historia e a posteridade ha-de repetir o seu nome como uma das maiores celebridades musicas do mundo.

O *Congresso Academico* ajoelha-se respeitoso ante a memoria do grande artista e dá sentidos pezaumes á Patria Brasileira.

Uma pagina de historia do direito romano: A constituição do estado, o rex e as magistraturas.

(Continuação)

O rei concentrava em si o poder militar e o civil. Convocando os comicios para propor as medidas legis-

lativas julgadas convenientes, e lançando os tributos, agia como legislador; erguendo as leis patrióticas para preencher os claros abertos nas hostes a cuja frente elle se tinha de collocar, conduzindo-as a victoria, agia como chefe militar; decidindo os conflictos de interesses, administrando a justiça em materia civil, penal e militar, era o juiz.

O complexo desses poderes é o que se denomina *imperium*, a auctoridade suprema, que o povo lhe concedia, por uma delegação especial nos tempos ulteriores, mas que, a principio, devia ter sido tomada pelo guerreiro forte aos seus companheiros submissos deante da superioridade de sua bravura.

A delegação especial, porém, é um facto historico, de tempos mais cultos, e se fazia effectiva com a *lex curiata de imperio*. (1)

Como os reis de outras populações arianas, o rei romano podia associar a si pessoas versadas no direito para formarem o seu concelho privado. Retirando-se do territorio do Estado, em expedições militares, que deviam se repetir, despojava-se da auctoridade civil para confiar a um seu representante a quem incumbia, durante sua ausencia, guardar e dirigir a cidade (*praefectus urbis*). Porém, ainda permanecendo dentro do perimetro traçado pelos muros da cidade, era-lhe facultado delegar porções de seu imperio a certos magistrados especiaes que o auxiliassem na difficil empreza de manter a ordem juridica.

O prefeito da cidade, a que já me referi, os questores dos crimes de alta traição (*questores parriidii*), os chefes de infantaria (*milites*) e da cavallaria (*celeris*) tiveram essa origem: foram, a principio, simples commissarios do rei, exigidos, naturalmente por accumulo de trabalho.

Mas tanto poder concentrado em um só homem, não nos deve induzir a que assimilemos a monarchia romana com a do antigo regimen, nem com a moderna. Mommsen nos adverte de que o poder real entre os romanos offerece um aspecto particular, perfeitamente distincto da soberania de nossos dias.

É realmente assim é.

Em primeiro lugar, merece ser lembrado que a elevação ao throno se não operava por força da herança. O rei, sentindo aproximar-se o seu fim, tinha o direito de indicar o successor que elle desejava que fosse proposto aos comicios populares. Não parece que fosse muito despropositada essa usança, pois Augusto Comte tomou-a de empréstimo para seu systema de organização politica. Si, porém, o rei deixava de usar dessa prerogativa,

por esquecimento ou por outra causa, os patricios detinham a administração do Estado, reinando os senadores, (*inter-reges*) cada um durante cinco dias; enquanto se ultimavam os preparativos para a eleição do successor definitivo do rei defuncto. Concluidos esses preparativos e esclarecida a opinião do povo, o senador que, no momento, detinha as redeas da governação (*inter-rer*) propunha o rei aos comicios que, auctorizados pelo senado, o acceitavam e elegiam (*creabant jubebant*).

Estava feita a nomeação do chefe do Estado, mas os deveres de obediencia, fidelidade e respeito ainda não se impunham ao povo. Um acto de natureza contractual entre o eleito e o povo era indispensavel para crear esses deveres. Tinha lugar, então, a *lex curiata de imperio*, que o recém-eleito propunha as turbas reunidas em comicio, e a qual, depois de votada, concedia ao rei o *imperium*, impondo aos cidadãos a subordinação ás ordens delle emanadas. Mas uma condição tambem acompanhava esse contracto entre o povo e o rei, e era que este só deveria usar de seu poder para applicar a lei, bem dirigir os interesses geraes, e defender a patria de todos os ataques.

Não havia, então, um privilegio de familia, como actualmente nas monarchias europeas, nem o principe era um deus como no oriente. Os laços de parentesco podiam certamente influir na escolha do rei por aquelles a quem cabia o direito de propol-o, mas não era esse facto um titulo sufficiente, e bem imprevidente se mostraria o ambicioso que, pondo as vistas no throno, não cogitasse de angariar outros elementos, descanzando sobre o parentesco que o vinculasse ao monarcha reinante.

Os reis foram substituidos pelos consules.

A abolição da realza está intimamente ligada á bella fabula de Lucrecia, essa nobre e tragica figura de patricia romana de rigida castidade, que se apunhalava aos pés do marido e do pae para incital-os á vingança exterminadora da raça do libertino audaz que não trepidára em violentar a sobre o proprio thalamo conjugal. Faria honra a um artista essa concepção inicial de um drama vasado nos moldes antigos. Collocada nesse momento da historia romana exprime a condenação da realza e a consagração da republica.

Si á lenda lucreciana fallece uma base real, não resta duvida que a abolição da realza em Roma, embóra resultado do desenvolvimento natural da sociedade romana, como diz-nos Mommsen, embóra seja a reproducção de um facto commum na evolução dos povos italo-gregos que, n'uma dada epocha, substituiram regularmente a primitiva monarchia vitalicia, por uma duarchia annual, embóra tudo isso, foi realisada por uma revolução contra Tarquinius, o soberbo. Mas a razão de momento, a causa occasional da transmutação na forma do governo

romano foi o menosprezo com que Tarquinius tractou o senado, deixando de consultal-o nas occasiões devidas e de preencher as vagas abertas no poderoso conclave. Alem disso, tendo lançado pesados impostos, afastara tambem de si a sympathia da plebe. Na occasião da investida dos patricios dirigidos pelo senado, nem sequer poudo apoiar-se na plebe para resistir.

Portanto si na sua queda arrastou a instituição monarchica, foi porque as raizes destas tinham fenecido no solo romano.

CLOVIS BEVILAQUA

Movimento feminista

O requinte da cultura moderna tem exigido, no campo não somente especulativo mas no pratico, a equiparação completa dos direitos da mulher aos do homem.

De todos os ramos da arvore juridica o que mais tem preocupado a mente dos publicistas é o Direito Publico no que concerne aos direitos da mulher, por isso que se procura conferir-lhe a mesma capacidade politica e consequentemente a igualdade de funções sociaes.

É para notar que não obstante a propagando tenaz do *women's party* pouco progresso ha nesse sentido feito; porquanto os povos se esquivam em comprometter o seu futuro dando-lhe os direitos politicos.

Não só a eurythmia do Direito exige que a personalidade do homem e da mulher sejam distinguidas, como as proprias conclusões da sciencia provam cabal e concludentemente a desigualdade entre os dous sexos.

Desde a vida interuterina, na primordial germinação dos corpusculos de Wolff até completa gestação do feto, os physiologistas notam differenciações nos dous sexos.

Passando á vida extrauterina os caracteres differenciaes vão se accentuando mais e mais, tornando-se notaveis na puberdade, onde a sua inferioridade de espirito é manifesta.

Ora, si as investigações scientificas lançam luz no assumpto, vindo augmentar as provas em favor dos que pensam que a igualdade de personalidade politica não traz vantagem alguma á mulher e á sociedade, não sabemos em que dados experimentaes se fundam os adeptos dos direitos politicos da mulher, para pugnarem pela realisação desse *desideratum*.

Dizemos experimentaes, porque as provas de ordem especulativa são tantas que por si sós bastariam para frustrar essa tentativa de afrouxamento da familia, si não fôra o prurido da sciencia em tudo provar com os elementos inilludiveis da observação. Em these pode ser sustentado o direito politico da mulher, porque os paradoxos mais descabellados se sustentam, mas descendo ao terreno da vida pratica tudo isso se esvae como perfumes orientaes, dos vasos que os guardam.

(1) No tempo do imperio, essa lei é um *senatus consultus* denominado *lex regia*, e que egualmente conferia, ao principe que galgava o throno, a auctoridade suprema. *Servius Tullius*, porém animara-se a romper revolucionariamente contra esse costume: *primus injussu popul, voluntate patrum regnavit*, diz Livius, I, 41.

Pensamos com Bluntschli que *la faiblesse et la sensibilité de la femme corrompraient l'Etat*. (1).

Com effeito, pela delicadeza dos seus órgãos, pela elegancia dos seus tecidos, possuindo ella maior sensibilidade cutanea, despende maior copia de sentimentos que facilmente seriam suplantados por todas as influencias más, que actuassem em seu espirito.

A mulher é superior ao homem no affecto, no cultivo da sympathia angelical do coração, por isso que ella é mãe.

Seria deslocar a do seu papel sublime de mãe de familia para lançal-a no torvelinho das paixões politicas que estiolam as organizações mais robustas.

Seria desviar do seu curso natural o fim para que foi ella feita, isto é, para o amor.

O amor que gera a familia, a familia que gera a sociedade, a sociedade que gera a humanidade não se compadece com as saturações politicas que por acaso embexam a mulher na sua acção providencial do bem.

Actualmente que a familia chegou á sua completa evolução, a um estadio de perfeição moral que exige coesão maior, os direitos politicos que se lhe quer conceder traria em continua laxidão o vinculo familiar.

«A forma monogamica das relações sexuaes, diz Spencer, é manifestamente a forma ultima e toda mudança provavel deve ser na direcção de seu realismo e de sua extensão.» (2)

Não obstante ser a monogamia a unica forma de casamento consentanea com o sentimento moral da sociedade, Le Bon pensa que as leis europeas legalisarão no futuro a polygamia.

Voltaremos por um recuo ao hetairismo primitivo?

Depois de a humanidade estar de posse de uma grande somma de sentimentos que se perpetuam na especie pela hereditariedade é uma hypothese temeraria essa de Gustave Le Bon.

Como extinguir a regulamentação do instincto genésico quando as disciplinas sociologicas cimentaram-nos nessa unidade forte do casamento christão que faz com que o homem e a mulher, na phrase bellissima da Biblia, — *erant duo in carne una: itaque jam non sunt duo, sed una caro?*

Quando os codigos modernos punem como crime a polygamia, quando mesmo no campo do Direito Internacional Privado a *lex loci* tem uma excepção justamente em relação ao casamento polygamo nos parece infundada conjectura a de Le Bon.

Não é van sentimentalismo pugnar para que a mulher continue a ser o unico sustentaculo da familia, que com a dogma do seu sorriso e meiguice dos seus affectos, inunda sempre de santos ensinamentos o coração das gerações por vir.

RODRIGO COSTA.

Astusa

... Flôr da illusão, flôr da graça, flôr do goso.

Virgilio Varzea.

I

Creança — abrindo-se em sonhos, abrindo-se em risos, mysticamente enlevamentos no coração despertava-me, cantando, cantando suave como o dulcissimo arrullo d'um beijo, a doce e ineffavel alacridade de Astusa.

Sorria-lhe essa idade, mixto de iriações, de olencias e madrigaes, que cariciosamente foge esfolando illusões, esfolando esperanças como a onda, espumas...

II

Loura, de olhos vagamente azues, Astusa, flôr dos risos, flôr dos sonhos, era meiga como o adejo das borboletas e pura como a claridade rosicler das serenias manhãs primaveris.

Envolveria-a como que a pureza suave da fragancia dos lyrios...

III

Anos passaram.

Encontrei Astusa n'um sarão.

Mulher! — Através do vestido, desenhando-lhe nitidamente os contornos, como que transparecia-me a olympica e suggestiva transfiguração da carne na plena exuberancia das formas.

Sorria-lhe a graça, orvalhando a alma de anhelos castos...

IV

...Enferecido, ebrio de goso enlaçei Astusa nos vágados da walsa... E infiltrando-me um fluido enervante, pleno de erlevos, sobre o peito roçagavam pomas novas e virgineas!...

Flôr da graça, flôr do goso!...

SORIANO DE ALBUQUERQUE.

Direito entre os selvagens

Para consecução do nosso objectivo, estudaremos separadamente cada um dos seguintes institutos juridicos: a personalidade, a familia, a propriedade, a successão, os contractos e a penalidade.

Começemos pela personalidade.

Ao principio as tribus selvagens apresentam-se *anarchicas*, esendo assim é inconteste, que ali não existe personalidade: *vence aquelle que tem mais força*. Ao depois constituem-se em *monarchias* ou em *republicas* sob cujo dominio vemos surgirem os albores de uma personalidade individual, embora limitadissima, por terem os chefes, o poder absoluto sobre os seus subditos; um chefe hindú para venerar a memoria dos manes de sua mãe fez sacrificar sete mil individuos; não satisfeito com esta carnificina enterrou juntamente com ella 12 virgens hindús.

Finalmente apparecem as castas, regimen pelo qual vai minorando o poderio dos chefes, dominando porém, umas sobre outras, e não havendo igualdade de direitos, segue-se a não existencia da verdadeira personalidade, o respeito aos direitos individuaes. Alem d'isso, os prisioneiros de guerra eram reduzidos a escravidão pelos vencedores. Os filhos são coproprietades dos paes, sendo deploravel a condição da mulher: uma simples cousa. Estudemos a familia.

E' hoje um axioma scientifico, que a phase inicial das relações familiaes, foi o *hetairismo* ou *promiscuidade* das mulheres.

Lubbock, Mac-Lenan, Morgan, Bachofen, Oliveira Martins admittem a promiscuidade das mulheres, aliás não absoluta. Sumner Maine, Darwin, Le Bon, Westermack combatem-n'a. Em tal estado da sociedade humana, o *parentesco* é um vinculo *natural*, não origina direitos, e só prende os parentes á tribu pelo lado feminino (agnação).

Mac-Lenan pensa que os homens passaram dessa condição de pura animalidade para o casamento individual pela permissão concedida ou tolerada aos guerreiros, de se considerarem senhores absolutos das mulheres, que captivassem em suas correrias, pelo territorio inimigo.

Dá ainda como causas contribuintes da individualisação do casamento, o desenvolvimento das affeições, as commodidades do arranjo domestico, a vontade da mulher e mais que tudo a fraqueza dos filhos oriundos de tal regimen familiar.

Veio então o casamento individual, que tanto póde ser a *polygamia*, como a *monogamia*.

Entre os *Adamantitas* nota-se uma melhora no casamento: o individuo que cohabitando com uma mulher produzir um filho, a união perdurará até quando os filhos precisem dos cuidados paternos.

Vejamos a forma de casamento entre algumas tribus. Tacito observou que os *germanos* eram em geral monogamos; sendo-o, tambem os *Vedhas de Ceylão* e os habitantes de Bornéo.

A *polygamia* existe entre os indios da America do Sul e do Norte; a *polyandria*, nas classes inferiores do Tibet. A primeira resulta da escassez dos homens e abundancia das mulheres, a segunda, apezar da opinião contraria de Lenan e Morgan, parece ter como origem o *sacrificio das mulheres* pelo uso quasi geral do infanticidio. Entre os selvagens não respeitavam-se os mais proximos parentes. Os Persas tinham relações sexuaes com suas proprias mães.

Algumas tribus apresentam-nos o emprestimo das mulheres ao hospede, como uma cortesia, costume muito espalhado, entre os nossos selvagens, e que tambem existe entre os gregos: Socrates emprestou sua mulher Xanthippé ao seu amigo Aristoteles para fecundal-a.

(1) Theorie Generale de l'Etat pag. 186.

(2) Citado por Mme. Dissard na Revue Internationale de Sociologie pag. 541.

Os casamentos eram por *captura*, *compra*, por *servidão*, por *praso*.

O casamento por *captura* foi um facto eminentemente espalhado e comestinho nas sociedades primitivas, como condição inseparável para o vinculo dos conjugues, sendo ora *real*, ora *ficticio*.

Os *Chinezes*, os *Canadaenses*, os *Abyssinios* e os *Romanos* usavam de ceremonias analogas, que Lubbock, considera reminiscencia da *captura*.

O casamento por *compra*, segundo o Dr. Clovis Bevilacqua, tem por origem o *dote*, oriundo da multa imposta aos guerreiros, que no tempo da promiscuidade das mulheres, queriam ter uma ou mais esposas exclusivamente suas.

A razão é clarissima: desde que as mulheres erão como o solo, propriedade da tribu, si alguém desejasse possuir mais de uma, infringindo o *costume*, pagava uma multa: «Ella foi comprada, diz o cafe, portanto deve trabalhar.» Para mais corroborar a nossa asserção basta o facto, que nos refere Spencer como existindo entre os Jucatanenses: se uma mulher não tinha filhos, o marido podia revendel-a, a menos que o pae não lhe restituísse a somma que lhe tinha sido paga. O casamento por *servidão* era usado no Egypto: a mulher unindo-se ao homem fazia o juramento de tornar-se sua escrava; o casamento por *praso*, existia na Arabia; nesse casamento estipulava-se a duração da união conjugal, sendo a mulher uma *cousa*.

Entre os *Israelitas*, havia o instituto do levirato, por via do qual a mulher que não havia dado um filho para continuar o culto dos antepassados, chamava para junto de si o seu cunhado; se este não queria satisfazer esta exigencia, a cunhada queixava-se ao juiz que o declarava um ser vil e degradante, por não querer dar um filho ao morto.

PAULO AMARAL.

(Continúa)

A Escravidão

Havia-se riscado do mappa das nações cultas essa palavra ignominiosa que soava aos ouvidos dos povos como um grito satânico partido das bordas do inferno!

O mundo não pronunciava mais o vocabulo —escravo— e reinava a liberdade em toda sua plenitude.

Aproximou-se o seculo das descobertas.

Remontemo-nos agora ás paginas da historia e tomemo-lhes de emprestimo as palavras e subsidios necessarios para debuxar estas ligeiras e despretenciosas linhas.

Foi então que na primeira metade do XV seculo arrojados exploradores maritimos de origem portugueza descobriram o Negricia na Africa que ja se achava em relações continentaes, por um lado com os berberes de Marrocos e por outro com os arabes do mar Vermelho que segundo alguns historiadores, faziam, desde tempos immemoriaes o commercio de escravos.

Gil Eannes, um desses ousados navegadores, trouxe para Portugal, como trophéo de suas victorias, as primeiras amostras do reto africano, genero de mercadoria em completo desuso, havia seculos.

Com este facto, surgiram de novo os mercadores de sangue humano que das plagas africanas singravam as aguas auri-negras do oceano em demanda de compradores.

Desse modo e nesse tempo começou o infeliz trafico de escravos—vergonha da civilisação em tempos tão adiantados!

O que é certo é que todos foram a Africa em procura de escravos, como nos affirma O. Martins: os hespanhóes carregavam-nos para as Antilhas; os inglezes á Jame's-town; os francezes e holandezes imitaram-nos, não fallando dos portuguezes que são injustamente acimados de iniciadores do ignobil mercantilismo, quando

nos parece, essa tarefa ingloria dever caber legitimamente aos arabes.

Ao Brazil, descoberto no inicio do XVI seculo e que surgia esperançoso no seio do grande concôrto americano, não foi licito abdicar taes *direitos* e por sua vez, tanto quanto permitiram as suas nascentes forças, alem da *captura* dos indios que se fazia em alta escala e sem o menor vislumbre de humanidade, ia importando crescido numero de africanos, que attingio nos annos de 1817 a 1819, segundo nos affirma o mesmo escriptor, a uma media de 22:000; e apezar da cessação legal do trafico, ainda em 1839 sahiram 3 carregações de escravos por Angola, como registra M. Sá!

Alem desses elementos illegaes, mas perfeitamente adaptaveis ás nossas condições mesologicas, seja dito de passagem, para a sua colonização, a semente da velha cidade do monte palatino e de muitas outras da antiguidade, o Brazil constituiu-se azilo, tornando-se dest'arte, conto e homizio de criminozos e de outros malfetores, causa primordial, talvez, da degenerescencia do caracter nacional, tão profundamente compromettido!

Desse modo permaneceu por mais de 4 seculos no seio de paizes reconhecidamente civilizados esta mancha ultrajante *sancionada* pelo direito que finalmente, obedecendo a evolução a que está sujeito, deo-nos mais um bello exemplo da sua relatividade no tempo e no espaço.

Novo e possuindo as melhores proporções para a futura nação em que depois se tornou, como refere um escriptor, do Brazil ninguem curava: suas terras vastas e fertilissimas eram demais para tão pouca gente; as sementes á ellas lançadas germinavam; á obra do arroteamento e cultura faltavam braços e na Africa sobravam negros, e tudo isto, aliado á inercia do governo que então o dirigia, concorreu grandemente para que a futura potencia, imitando os paizes que se diziam civilizados, explorasse por modo tão

Presentimento

Um dia ella, suspensa do meu braço,
Olhava a tarde, pallida, abatida;
Se ouvia ao longe as vozes de uma ermida,
Colmava-se de estrellas todo o espaço.

E ella disse-me: «Vês no aureo regaço
Da noute aquella estrella amortecida?
Ai! como ella tambem sinto que a vida
Foge-me...» E arfava em tremulo canção.

Inda aos ouvidos meus sôa a argentina
Voz, que collara a minha á sua bocca...
Iam descendo as sombras na collina.

Hoje, de luzes, triste, o céu se touca;
E, contemplando a estrella adamantina,
Scisma minh'alma solitaria e louca.

AUGUSTO CAVALCANTI.

Para breve...

Mandei pintar um quadro delicado...
Foi este o plano: —representa o enlace
De um par ditoso abençoado em face
Do altar-mór, de uma igreja, illuminado.

Uma obra d'arte onde a ventura passe
A illuminar-nos um porvir doirado:
—Uma noiva gentil com o noivo ao lado...
(Ah! se a quem me dirijo advinhasse!...)

Entre as nuvens do quadro, n'uma franca
Phantasia d'amor que em mim delira,
Pedi que ardessem sob um fogo déstro

Um veu de noiva e uma grinalda branca
Entrelaçando as cordas de uma lyra:
Tua innocencia incendiar-me o éstro.

J. XAVIER DE CARVALHO.

iniquo a liberdade do indigena americano e do preto da Etyopia.

Grandes, na verdade, foram as scenas horrorosas, tragicas, que se passaram n'aquelles tempos a bordo dos navios negreiros construidos em abutres da raça preta, em demanda de nossas plagas.

Descrevel-as nos estreitos limites deste artigo seria tarefa ardua e imperfeita, maxime, quando a coloração das suas tintas está protuberante na memoria de todos.

Passaram-se seculos e o alborecer do seculo XIX veio marcar uma nova era, irradiante de fagueiras esperanças. A esse tempo, ja um grito—ruidoso, estridente como o estalar bellicoso dos campos de Marengo, destaca-se de todos os pontos e angulos do universo Estrepitoso, altisono, esse grito repercute, atravessando a vasta amplidão de todo o Cósmos—do continente ao oceano, do cume do Hymalaia as praias da Oceania, dos gelos da Russia as margens do Sena, e das Pyramides do Egypto ao tôpo dos Andes! Será por ventura o vencedor da Europa, o Condor gigante que abaixa suas azas grandes lá na planicie de Waterloo?

Não. E' a voz da civilização que convoca os povos ao festim da liberdade. E' a voz de uma nação nova que exige a reivindicação dos seus

mais sagrados direitos. E' finalmente o gemido de um desgraçado, abatido pelo latego continuo de um senhor sem entranhas, que reclama os direitos de fraternisação.

No começo do nosso seculo bastante si impulsionou a obra da liberdade, cujo burilamento coube, como vimos, na sua ultima metade, aos nossos contemporaneos. Até o seu 2 quartel todas as nações escravocatas decretaram, sem reserva a liberdade dos seus escravos e o Brazil que se conservava surdo ao apello do suas irmans, não attendendo o brado da justiça, vio irromper do seio nacional a tendencia abolicionista.

Foi neste sentido dado o primeiro passo em 1819 quando o pavilhão inglez, pretendendo proteger o direito das gentes, mandou postar os seus crusadores em varios pontos da costa do Brazil para impedir o vergonhoso trafico.—Era, pois, o proprio seculo que exigia a confraternisação dos povos e a voz da civilização que convidava-os á um banquete universal. Foi esse acto altruista do governo inglez a primeira pedra lançada a grnde obra que se consumou a 13 de Maio de 1888.

NEWTON BURLAMAQUI

Continúa

Sobre religião

Esse seculo pode ser caracterizado pela quasi completa falta de religião.

Com o desenvolvimento operado em todas as sciencias e os progressos constantes de todos os conhecimentos humanos, as religiões foram perdendo logar e hoje acham-se reduzidas a um minimo que bem attesta o futuro que as espera.

O methodo historico e o criterio ethnico, applicados as sciencias das religiões, diz uma autoridade competente, atravez das differentes epochas intellectuaes da especie humana teem neste seculo mais do que em nenhum outro, abalado e revolido no espirito e na consciencia todos os elementos que constituem a base das crenças, destruindo a doce miragem da fé e creando novas, devoradoras e terrives necessidades da verificação scientifica, de soluções demonstraveis. Acha-se hoje inteiramente descripta e determinada a trajetoria do sentimento religioso nas successivas civilisação do globo, desde os primitivos cultos fetichistas até as mais recentes especulações mentaes da philosophia christã, mostrando nas progressivas phases da religiosidade a concatenação da serie nunca interrompida passando do periodo mythico ao periodo ritua-

Devaneios

De vago delirar, sem doce alento
Nas azas da saudade o pensamento
Se evola sem destino;
Procura as vagas de alterosos mares,
Pelo arroio que oscula os nenuphares
Languento e crystalino.

Ei-lo... se arroja aos vendavaes da sorte
Sem meiga estrella, que lhe aponte o norte,
A vagueiar errante;
Paira... distende os penetrantes olhos,
Ouve das ondas nos feraes escolhos
Som vago e soluçante.

Inda revôa... pede alento ás azas,
E a terra busca onde candentes brazas
Tostaram-lhe suas pennas;
Vai, deixa os lindos floreos campos
Onde outr'ora gosou folgaes santos
A's candidas phalenas.

E, deixa os verdes ubertosos montes,
Os luzeiros da aurora, os horisontes,
Das aves ás canções;
E esses gorgeios saudosos lepidos
Cheios de enlevos, aos bafejos tepidos
Das brandas virações.

E deixa as virações ás brancas flores,
E as rosas aos volveis amadores
Das azas de setim.
Vai delirante, silencioso e mudo,
Stulto os lares e os primores, tudo
Da patria deixa em fim.

E a patria fica saudosa em prantos,
Que tantas vezes seus adejos santos
Lhe os olhos fascinaram...
Do mar na vastidão sobre os abrolhos
Em ancias larga os desvairados olhos
Que os prantos lhe veláram.

E as azas elle recobrando o alento,
Dos mares se abalança ao firmamento,
Que as aguas lá beijaram,
Já procura o luzir dos flamejantes
Olhos de amor, que um dia crepitantes
As azas lhe tostaram.

Se alteia... vôa... mais ao longe ainda...
Marcha veloz!... a vastidão infinda
Atira os olhos seus!
Do horisonte na fimbria que se anilla
—Ei-lo, o claro fanal doce rutilla
Mostrando os novos céos!...

E insofrido, em prazer convulso e ousado
Vai os olhos beijar hallucinado
Ao terno e doce amor,
Qual entre anhelos colibri que adeja
Tremulo, vivido, afanoso beija
Seus labios com ardor.

Ah, mulher!... assim vago, entrestecido,
De scismares ralado e confundido
Te busca o pensamento...
Deliro... em sonhos te presinto ás vezes,
Mas, si acordo... n'um mar de asperos revezes
Me engolpha o soffrimento!

AUGUSTO MEIRA.

listico ao periodo theologico, herdando cada geração os productos da geração anterior, estabelecendo-se deste modo a transformação evolutiva das crenças de cada raça.

Seculo de critica e de analyse neste tudo se investiga, tudo se observa, tudo se mede, tudo se calcula, tudo se explica, diz um escriptor portuguez e hoje um sabio decompõe um Deus dentro de uma retorta em todas as suas origens, tal equal como uma amostra de minerio em todos os seus elementos.

E' devido a isto que as religiões vão perdendo terreno na consciencia popular.

Nunca se foi menos religioso no sentido dogmatico desta palavra que hoje emdia, lemos algures. A descrença austera e consciente nuns, irreflectida, palavrosa e insolente n'outros, invadiu todas as camadas sociaes e para a multidão, o dogma ou é uma cousa indifferente, ou uma cousa desconhecida, ou uma cousa refutada.

E' este o pensar quasi unanime de todos os que tem se occupado do assumpto, ja chegando alguns escriptores á affirmativa de que todas as religiões estão mortas, anniquiladas.

E' exagerada excessivamente a opinião dos que pensam assim mas a decadencia a que têm tocado as religiões é um facto palpavel, principalmente no que diz respeito a bella religião do hystérico sonhador da Gallilea.

A religião de Christo está moribunda e a' ella podem-se applicar as bellas palavras de Lucano sobre Pompeu, *stal magni nominis umbra*.

Mas não obstante não pensamos como alguns escriptores que as religiões venham a desaparecer completamente da superficie do globo, tomando o seu logar a sciencia. Não; porque para isto succeder seria mister que este mundo chegasse a ser habitado somente por philosophos ou pelo menos que a ignorancia chegasse a desaparecer, o que é inexequivel.

Neste ponto estamos com T. Barreto quando diz: eu creio na marcha ascensional, no constante engrandecimento do homem. Mas isto não quer dizer que julgue possivel o cumprimento de todas as suas esperanças.

O exclusivo dominio da sciencia é um dos mais bellos ideaes de que pode nutrir-se a humanidade, mas bem antes que elle chegue a vel-o realisado o planeta será um cadaver.

A irreligião do futuro, de que falla Guyau, isto é, a negação completa do espirito religioso em um futuro não remoto é inteiramente irrasoavel e infundado. Enquanto perdurar a ignorancia que é a caracteristica das religiões, enquanto a crença em uma vida futura illudir os espiritos em quanto a dor, a miseria, as afflicções constituirem a triste partilha da humanidade, as religiões existirão como um consolo aos que soffrem, um lenitivo aos que padecem.

LAUDELINO BAPTISTA

O AMULETO

SONHO OU CONTO

(A Rodrigo Costa e a Augusto Meira).

Segunda noite

Apenas Morpheu me colheu em suas malhas, deu-me accesso no balão dos sonhos, que me reconduziu ao gabinete onde estivera imaginariamente na noute precedente. Reconheci alli o mesmo velho, que, tendo já terminado os seus trabalhos didacticos, falou-me assim:

«A sua pontualidade, Sr. denota claramente a sua grande curiosidade, que irei apenas fazer adormecer por momentos, porque só poderei hoje relatar uma parte de minha historia, por ser muito extensa. Vou começar.

«Nasci na fazenda *Ascenção*, proxima á bella e commerciante cidade de... onde meus pais possuíam uma bôa e confortavel casa. Fiz os meus estudos primarios n'essa cidade, onde passavamos a mór parte do anno.

«Depois iniciei os meus estudos secundarios na capital da então provincia, vindo sempre nas ferias repousar o espirito no morno e agasalhador regaço da familia.

Concluindo eu o tirocinio de preparatorio com 18 annos d'idade, foi prefixado o dia 20 de Março de 1894 para a minha viagem para o Recife.—Aspirava eu, de accordo com meus paes, um annel de bacharel em direito.

«Chegou a vespera d'aquelle dia, que jamáis chegaria, si a força de meu amor pela familia tivesse o poder de conter o tempo em sua marcha incessante.

«Passei uma noite agitadissima, a revolver-me na rede, joguete de mil impressões, quasi sem pregar olhos.

«Levantei-me pelas 3 1/2 horas da madrugada ao appello triste de um irmão meu, que echoou nos muros de meu coração como um canto de ave agoureira.

«Estavam sendo dispstos aodadamente os ultimos preparativos para a viagem, que devia ser a cavallo até a capital, d'onde eu tomaria um vapor para o porto de meu destino.

«Fazia-se uma arrumação accelerada, embora ás vezes automatica, entre suspiros e lagrimas. Havia um atropelo indescriptivel: entrava um, sahia outro, fazia-se café, arreiavam-se os cavallos, abriam-se os baus já arranjados e fechados de vespas para se acondicionarem objectos esquecidos pelo atordoamento da saudade, pela insensatez da dor que macerava a todos.

«Todo aquelle vai-vem de arrumações tristes, em que as nuvens das lagrimas retardavam os trabalhos, fazendo com que não se enxergasse o que se fazia, afigurava-se-me os preparos funebres para o enterro de minha felicidade e de minha alegria.

«Chegou a vez das malas dos mantimentos. Foi ahi que reconheci a riqueza do coração de minha bôa mãe: a sua desolação profunda não a fazia

esquecida de cousa alguma que podesse tornar mais confortavel e mais amena a viagem terrestre do filho, cujo exilio ia começar. A despeito da lendaria hospitalidade de nossos sertanejos, queria ella fazer uma despensa portatil composta de tudo o que existisse na despensa domesticas; queria fazer uma mesa-carga que conduzisse para seu filho, durante a viagem, alguns dos petiscos de sua meza, predilectos d'elle.

«Era ella que lembrava tudo, e que ia buscar algumas cousas com suas proprias mãos palpitantes. Dizia á criada: «Traze os queijos e as latas de doce, Josepha». A filha: «Não te esqueças, menina, dos biscoitos e fatias de pão de ló torradas». Ao criado: Vai, Manuel, vai buscar a farinha, a carne de sól, o Perú preparado na farinha, e... Aos que arrumavam: Esperem ahi, já trago o sacco de *passoca* para o Carlos almoçar no rancho». Aos que chegavam: «Ora! quando querem arrumar as laranjas, bananas, e aquelles dous bolos que estão lá em cima da meza!?»

«Afinal ficou tudo prompto. Tomou-se o café, enquanto os arreeiros levantavam os baus e as malas pelas cordas das respectivas azas, experimentando assim si o seu peso era igual para ficar equilibrada a carga.

«Demorou-se um pouco, conversando-se, *esfriando-se o café* (no estomago!). Foi dado o toque de marcha com a phrase dolente de meu pae: «As cargas já seguiram ha muito, é preciso partir, são 5 horas».

«Minha mãe chamou-me para um quarto afastado, e disse-me, dando-me o livro que o Sr. vê sobre a meza com as folhas amarellecidas pela *ictericia* do tempo: «Toma esta *Imitação de Christo*, meu filho, guarda este livro como um amuleto da religião do Martyr do Golgotha, como uma reliquia da religião da familia. Elle symbolisará para teu coração o amor de Deus e o amor de mãe; Deus ha de perdoar-me esta fusão dos amores divino e materno em um só symbolo. Um amor te lembrará o outro: si acaso arrefecer o teu amor por Deus, basta olhares para este livro que te lembrará o amor de tua mãe, que será o fio que te prenderá de novo a Elle. E para que isto jamais se dé, foge dos maus companheiros, procura morar com rapazes serios e catholicos, e lembra-te sempre que, quanto mais se aprende, mais se deve saber adorar e amar a Deus. Quando sentires oscillar a tua fé, quando duvidares, repousa o teu espirito alanceado pela duvida e o teu coração torturado pela fraqueza no travesseiro macio e perfumoso d'este livro, e elle restituirá a firmeza e a coragem ao teu espirito e a fé ao teu coração; abriga-te então dentro do reducto da fé e refugia-te na fortaleza poderosa da coragem, e affrontarás tudo sereno e feliz. Não abandones de forma alguma este amuleto que encerra todas as tuas venturas; si o renegares, a felicidade te abandonará, porque ella não pode ser

socia d'aquelle em cujo coração existem apenas os cadaveres do amor de Deus e do amor de filho. Cuidado, pois, estás bem prevenido : lembra-te bem de que te digo isto no momento em que surge a aurora do dia em que partes, aurora que traz para a alma de tua mãe o crepúsculo da dôr, cuja noite só terminará com a alvorada do prazer trazida pelo dia em que chegares, com a alma immaculada do menor sopro de impiedade. E agora recebe a minha benção, parte e sê feliz».

«Com um abraço estreito que lhe dei sellei a promessa de que cumpriria á linha todos os seus desejos e recomendações.

Fui despedir-me de meu pae que me deu mais ou menos os mesmos conselhos, terminando assim : «Toma sobretudo o maximo cuidado com os teus sentimentos de religiosidade, que elles não vão perecer abraçados pelo incendio da imitação que devora a maior parte dos academicos.

«Em seguida abracei freneticamente, nos arremessos de uma dôr sacudida e trememente, a todos os membros de minha familia.

«Montámos a cavallo en o meu companheiro. Eu ia inconsciente : a dôr dominou-me por tal forma que não tirou a noção de mim mesmo

«Vim ter noção e consciencia de mim, quando passámos pelas ultimas casas da cidade, mas uma noção e uma consciencia que me aterraram. A orquestra festiva dos gallos saudando a aurora parecia-me v zes lugubres de espectros que se quebravam em dous mausoleos que, no cemiterio tetrico e requeimado de meu coração, abrigavam os despojos de meus dous amores—amor de Deus e amor de filho.

«No fim da primeira jornada, no rancho, li alguns capitulos do livro que me dera minha mãe. Foi uma brisa suave que me trouxe a calma e a serenidade de espirito, restando-me apenas uma saudade placida e quieta. Conheci logo que o amuleto continha de facto a minha tranquillidade e a minha felicidade ; talismão precioso, teria com certeza o condão de produzir mil prosperidades.

«Continuei, sempre triste, sempre saudoso, a viagem cujos episodios deixo de referir para não massacar a attenção de meu ouvinte complacente.

«Cheguei afinal ao Recife no dia 6 de Abril. N'essa cidade movimentada e populosa senti-me ainda mais triste, mais saudoso e mais isolado do que na travessia dos sertões de minha terra e na viagem maritima.

Hospedei-me n'um hotel, onde passei uns oito dias, enquanto procurava uma *republica* de rapazes cujas qualidades correspondessem aos desejos de meus paes.

«Encontrei a *republica* que me convidava, para a qual me mudei sem perda de tempo.

«Excellentes rapazes aquelles com quem fui morar. Methodizei a minha vida e procurei o mais possivel adaptação ao novo meio sem inutilisar uma

só folha do livro ideal que continha a minha norma de conducta.

«Matriculei-me, tranpuz os umbraes da Academia, sem escapar ás pedradas certas e dolorosas das classicas vaias.

«Frequentei as aulas com a pontualidade de apaixonado, si bem que alguns lentes não correspondessem á minha sede de luz com a infallibilidade do sol que todas as manhãs irrompe na orla do oriente.

«Ampliou-se a area de meus conhecimentos. Breve fiquei tristemente convencido de que quasi todo o corpo discente da Faculdade estava infeccionado da peste do materialismo ou da do contismo—provenientes dos bacillos da vaidade e da imitação. Tinha comigo a vaccina natural da fêe os desinfectantes dos exemplos e conselhos paternos ; mas, ainda assim, tive medo de ser acometido da epidemia da moda.

«Os poucos que se singularisavam por suas crenças de marmore no meio d'aquella pretenciosa ostentação de *adiantamento*, de *evolução*, eram chasqueados, apontados como ignorantes, indigitados como atrasados, como postes cobertos do bolor das velharias, fixos, na immobilitade de atrazo, na estrada do progresso e da civilização.—Eram reputados como specimens archeologicos que tinham apenas a vantagem de ser documentos vivos de um passado supersticioso e caduco.

«Todavia os *evolucionistas* intransigentes, os *adiantados enragés*, com raras e bellas excepções, tinham somente as côres das theorias modernas : atravez d'essa lustrosa e delgada camada-feita pelo pincel de uma subserviencia aos mestres e aos doutos, aos que pelo menos tinham as bases de uma sciencia profunda, e de uma convicção consagrada pela erudição vasta,—nada se via de solidez, de corpo, de consistencia.—Expelliam apenas de seus labios as fumaças azuladas e capitosas do pedantismo, que illudiam e embriagavam os tolos,—fumaças que elles sorviam nos cachimbos nojentos da imitação superficial e do desejo insopeiavel de distinguir-se.

«Negavam e ridicularisavam os dogmas e doutrinas da religião, mas não tinham logica nem argumentos para fazer derruir um só d'elles. Nem mesmo tinham o calor e o enthusiasmo da convicção.

«Eu temi naufragar no mar procelloso do modernismo rôfo e erroneo, e refugiei-me corajosamente, como um capitão destemido, no couraçado de minha *Imitação de Christo*, não para atacar, mas para defender-me contra os cruzadores da imitação e da vaidade que atiravam constantemente sobre o meu couraçado, em que se ostentava garbosa a bandeira da religião christã, os projectis dos apupos, do ridiculo, das sedncções e das ciladas. E para jamais esquecer-me de que o meu amuleto era o meu mais forte baluarte na lucta que tinha de travar, escrevi em uma folha em branco do livro : « Este livro precioso

representará, no turbulento mar da impiedade ou antes no traçoero mar do scepticismo de mes collegas, um poderoso vaso de guerra, prolongamento do lar domestico e da egreja natal, que me garantirá e me defenderá contra todos os ataques dos vãos contrarios ao meu. »

« Durante o primeiro anno fui um capitão denodado e vigilante, e portanto victorioso. Resisti incolume a todos os ataques, e por isto passei um anno feliz e tranquillo, vivendo com minha familia a vida epistolar, e a vida das saudades e das recordações, e tendo no feliz resultado de meus exames a recompensa de meus trabalhos.

« Em 1895, porém, deu-se o meu naufragio cujas peripecias e os factos que se lhe seguiram não posso hoje expender ao Sr., porque são horas de ir dar audiencia, e a obrigação sempre prefere á devoção ; mas amanhã me comprometto a terminar a historia de meu amuleto, contando-lhe essas peripecias e esses factos. Esteja, pois, amanhã aqui, á mesma hora. »

O ruido das carroças chamou-me á vida real : acordei e fui escrever o que ahi fica, enquanto tinha bem fresco na memoria o meu sonho. Passei o dia ainda mais insoffridamente do que o anterior, o que aliás era natural, porque anceiava por saber não mais o principio, mas o desenlace da historia com que me entretinha de noute um *verdadeiro magistrado de sonho*.

(Continúa),

GONZAGA DE ARRUDA.

CHRONICA

—A 23 de Setembro foram rezadas missas por alma do nosso collega Sebastião Nogueira na Egreja da Boa Vista. Houve *memento* officiando o conego Freitas, sendo coadjuvado pelos conego Araujo e padre Augusto Franklin Moreira da Silva. Assistiram a solemunidade religiosa o Sr. Conselheiro Governador do Estado, muitos Lentes da Faculdade e grande numero de academicos. Tocou durante o acto uma banda de musica.

—Foram acceitos socios honorarios do *Congresso Academico* todos os Lentes da Faculdade de Direito do Recife e o Conselheiro Governador do Estado Dr. Joaquim Corrêa de Araujo.

—Os nossos collegas Pedro Motta e Corrêa Lima, que illustraram por alguns mezes as columnas deste jornal com as fulgurações de seus talentos, pediram exoneração de redactores do *Congresso Academico*. De modo algum a modificação havida no corpo redaccional desta revista indica a retirada completa dos nossos talentosos collegas da nascente sociedade que creamos na Academia, que certamente muito espera de todos os que cultivam o Direito e as Lettras. Nós do *Congresso* agradecemos ao Motta e Lima a

sua poderosa coadjuvação e direcção intelligente na marcha desta folha.

Foram eleitos para as duas vagas havidas os collegas Rodolpho Filho e Newton Burlamaqui.

Na Commissão de Syndicancia houve tambem uma alteração; tendo pedido exoneração de membro dessa commissão José Bernardo Filho foi eleito para substituí-lo o nosso collega Pedro Cahú.

—Escreveo-nos do Rio o Sr. Liberto dos Santos, redactor-gerente da *Folha dos Estados* que sahirá brevemente na Capital Federal, pedindo-nos remettermos a nossa modestissima folha. A *Folha dos Estados*, a cuja frente se acham Olavo Bilac, Adolpho Caminha e outros litteratos de merito, virá prestar um serviço relevantissimo aos Estados, por isso que por meio de criticas justas mostrará ao paiz inteiro a boa ou má administração dos Governadores dos Estados. E assim póde cohibir de certo modo os desmandos dos tyrannetes que infelizmente imperam em alguns Estados, reproduzindo quasi que diariamente o injusto principio romano. —*Sic jubeo, sic voleo, sit pro ratione voluntas*. Fazemos votos para que a *Folha dos Estados* surja e viva muito para trabalhar afim de a Federação ser uma realidade palpavel.

—O Centro Catharinense de S. Paulo nos enviou um officio, pedindo-nos a collecção do *Congresso Academico*. Satisfizemos o delicado pedido dessa illustre corporação.

—O nosso collega Alfredo Baptista acha-se doente de variola e recolhido a uma casa particular onde recebe tratamento confortavel e cercado de todos os elementos conducentes á sua completa cura. De sua actividade como Adjuncto do Secretario do *Congresso Academico* temos sentido falta, por quanto de sua esforçada direcção muito esperamos. Nós o acompanhamos com interesse no leito da dôr e fazemos ardentes votos para que fique bom, vindo augmentar as fileiras dos que lutam por um idéal sempre fugitivo á proporção que caminhamos para elle.

—A 4 de Outubro esteve em festa intima o lar do nosso illustre Mestre Dr. Clovis Bevilacqua que completou 37 annos, dedicados muitos delles ao trabalho afanoso da sciencia. O *Congresso Academico* que tem a ventura de possuí-lo como seu collaborador, lançando luz intensa em suas columnas, se regosija por esse facto apresentando-lhe os seus cumprimentos.

A sciencia brasileira espera muito ainda de seu talento fecundo, em produzir essas bellas gemmas engastadas no patrimonio da cultura nacional.

—Acha-se nesta capital o Sr. Dr. Gonçalves Ferreira, Lente de Direito Administrativo de nossa Faculdade. Depois de serviços dedicados á Republica, occupando a pasta de Ministro do Interior junto ao Governo do Dr. Prudente de Moraes, volta S. Exc. aos trabalhas do magisterio de que

nós nos sentimos privados por alguns annos.

—Depois de porfiado concurso em que disputava a cadeira de Lente da Academia foi indicado e nomeado o Dr. Virgínio Marques. Conhacedores de sua illustração e amor ao estudo contamos que o novo Mestre nos encaaminhará pela difficil estrada da sciencia juridica, contribuindo além disso para o brilho do professorado superior da Republica.

—Em sessão de 16 de Setembro foram consignados na acta votos de profundo pesar pelos fallecimentos de Sebastião Nogueira, João Baptista Guedes, estudante do Curso Annexo e Carlos Gomes. Foram tomadas tambem as seguintes resoluções: 1ª suspensão do expediente do Congresso Academico por 3 dias, 2ª que os seus socios tomassem luto por 7 dias, 3ª que se pedisse aos Lentes suspensão das aulas por 3 dias.

—Foram propostos e aceitos socios effectivos do *Congresso Academico* Domingos Americo de Carvalho, Innocencio Leite, Ernesto Baptista, Carlos Costa, José de Barros e Candido Costa.

—Do Dr. Gervasio Fioravanti recebemos a dissertação e theses apresentadas á nossa Faculdade para preenchimento da vaga de lente substituto da 5ª secção. O talento do joven concorrente brilha no cultivo da poesia e agora no do Direito, estudando a *Reincidência no Código Penal*. Não damos juizo sobre o seu trabalho, limitando-nos tão sómente agradecer a gentileza da offerta.

—O Centro Floriano Peixoto nos dirigiu um officio pedindo-nos mandemos a nossa modestissima folha para a sua bibliotheca. Acompanhamos tambem o officio os estatutos da sociedade.

Obrigados estamos pela delicadeza do Centro, promettendo satisfazer o seu pedido que de certo modo vem nos animar na vereda encetada.

—Sobre a nossa banca de trabalho temos os seguintes jornaes que tiveram a bondade de permutar connosco:

Tribuna Litteraria, revista quinzenal, publicada sob os auspícios da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica deste Estado, traz bellos artigos litterarios e scientificos; *O Amigo do Povo* e *O Pinherense*, do florescente Estado do Pará; *A Revista Marcial* e *O Correio Nacional*, de S. Paulo; *A Palavra*, de Alagoas; *A Madrugada*, de Lisboa; *A Revista Silva Jardim*, do Rio Grande do Sul; *O Porvir*, da Feira de Sant'Anna; *A Verdade*, da Fortaleza; *Gazeta do Commercio*, da Parahyba do Norte; *O Federalista*, do Maranhão; *O Diario do Natal*, do Rio Grande do Norte.

A todos os distinctos collegas, obrigados.

R. C.

ESTATUTOS

DO

CONGRESSO ACADEMICO

Fundado em 9 de Maio de 1896

(Continuação)

§ 2º. Aceitar qualquer commissão ou cargo electivo para o qual fôr escolhido, salvo caso de força maior devidamente justificado.

§ 3º. Pagar as mensalidades, quotas subscriptas, e multas impostas pelo Presidente em caso de infracção dos presentes Estatutos.

§ 4º. Portar se com o devido respeito na sala das sessões quando funcionando o Congresso Academico.

§ 5º. Comparecer a todas as sessões magnas e Assembleas Geraes ordinarias e extraordinarias, salvo motivo justificado por escripto.

§ 6º. Não fumar na sala das sessões enquanto funcionar o Congresso.

§ 7º. Comparecer ás sessões do jury do Congresso, tomando nella parte quando para isso for sorteado.

§ 8º. Empregar todos os meios ao seu alcance para dar cumprimento exacto no disposto nos §§ 1º, 2º e 3º do art. 2º.

CAPITULO V

DOS DEVERES DOS SOCIOS CORRESPONDENTES E HONORARIOS

Art. 13. São deveres dos correspondentes e honorarios quando assistindo as sessões:

§ Unico. Os deveres são os contidos nos §§ 4º e 6º do art. 12º.

Art. 14. Fóra da sessão são deveres dos socios correspondentes e honorarios.

§ Unico. O disposto na letra a) do Regulamento ao § 2º do art. 2º dos presentes Estatutos.

Art. 15. Os socios correspondentes são obrigados a prestar contas trimestralmente á commissão de redacção da Revista.

CAPITULO VI

DA DIRECTORIA

Art. 16. A Directoria do Congresso Academico compor-se-ha de um Presidente, dous Vice-Presidentes, dous Secretarios, um Adjunto, um Orador, um Vice-Orador, um Thesoureiro, um Procurador, um Bibliothecario, uma Commissão de Policia composta de cinco membros e uma Commissão de Syndicancia composta de tres membros e uma de presos pobres composta de seis membros.

Art. 17. Ao Presidente compete:

§ 1º. Convocar, abrir, dirigir, suspender e encerrar todas as sessões do Congresso.

(Continúa).